

* Presidente
do Conselho de
Administração da
Fundação Cidade
de Guimarães

Na origem do projecto Reimaginar Guimarães estava uma singular colecção de suportes de imagem fotográfica na posse da associação de defesa do património *Muralha*. A área de programação Cinema e Audiovisual aceitou incluir no elenco dos seus projectos a recuperação física e documental desse acervo.

Há que reconhecer que a inclusão de um tal objectivo no programa da Capital Europeia da Cultura não se impôs de forma automática e foi por isso alvo de debate e ponderação entre a equipa de programação de Guimarães 2012. Medidas de política arquivística, ainda que enquadradas por uma política patrimonial, não faziam parte das finalidades atribuídas ao desígnio da Capital Europeia da Cultura, em sentido estrito, sem prejuízo da oportunidade que o respectivo programa constituía para intervir num espólio de inegável valia histórico-cultural.

Contrariando este premissa, erguia-se o argumento que via na constituição de um arquivo de imagem sobre Guimarães, de fácil e generalizado acesso, uma peça fundamental, não só para o estudo histórico mas também para o trabalho de interpretação e criação que a CEC queria promover. Importa lembrar, a esse propósito, que todas as áreas de programação de Guimarães 2012 foram convidadas a reflectir sobre o passado histórico da cidade, designadamente o que remontava à transição do século XIX para o século XX, nele detectando os contributos para uma leitura cultural da modernidade, atraindo, em simultâneo, outros olhares, outras propostas, interpeladoras e criativas.

A programação de cinema e audiovisual detectou no arquivo da Muralha em primeiro lugar um papel centrípeto relativamente a outras colecções de suportes fotográficos mais ou menos fragmentárias ou especializadas reunidas em Guimarães. Em segundo lugar, anteviu a possibilidade de cruzar os elementos de informação colhidos nesse arquivo com os percursos da criação fotográfica e cinematográfica que viessem a ser estimulados pela Capital Europeia da Cultura.

Coube a Eduardo Brito, o responsável pela formulação e execução do projecto, caracterizar as dimensões dos trabalhos a realizar, identificar os possíveis usos das imagens a digitalizar, e coordenar as propostas de novas leituras ou combinações de leituras construídas sobre os registos fotográficos antigos.

Em Eduardo Brito confluíam circunstancias generosamente favoráveis para este encargo, pois aliava um bom conhecimento do arquivo a uma experiência significativa como autor de fotografia e um sentido apurado da ética da defesa e valorização do património. Os resultados logrados pelo seu labor, apresentados ao longo do ano de 2012, evidenciam o acerto da identificação prévia que fez das potencialidades das imagens em cujo tratamento se aplicou e a pertinência dos reptos que lançou tanto a outros fotógrafos como aos espectadores contemporâneos das fotografias antigas.

Dessa convocação de outras perspectivas, corporizadas em novas imagens produzidas por câmaras fotográficas, ou simplesmente induzidas por sequências, conjugações, confrontos, ou pelas cicatrizes da passagem do tempo sobre as imagens

antigas, emergiu uma nova colecção, ou, ao menos, uma colecção enriquecida por um registo de contemporaneidade. Esse registo postula que toda a imagem, é na sua materialidade, plenamente identificável, sem deixar de remeter para o ambiente social ou técnico em que foi obtida, mas oferecendo-se ao mesmo tempo como ensejo para novas expressões atribuídas pelo espectador de hoje.

Umberto Eco, num ensaio muito estimulante sobre as estratégias postas em acção pelo acto de ler um texto (*Lector in Fabula: Le Rôle du Lecteur ou la Coopération Interprétative dans les Textes Narratifs*, Paris, Grasset, 1985, ed. italiana de 1979), define o texto como um “mecanismo preguiçoso (ou económico) que assenta na mais valia de sentido que lhe é introduzida pelo destinatário”.

A noção de texto pode aqui ser assimilada à de imagem fotográfica. Eco refere as repercussões da passagem da função didáctica à função estética do texto. De alguma forma, foi a operação a que Eduardo Brito sujeitou as fotografias que digitalizou. Trouxe-as para um contexto estético, mesmo se elas na origem se confinavam a um contexto documental. Quando isso sucede, escreve Eco, o texto (eu diria, a fotografia) quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, mesmo se geralmente deseja ser interpretado com uma margem satisfatória de univocidade. Um texto (uma fotografia) quer que alguém a ajude a funcionar”. O projecto Reimaginar Guimarães foi isso que fez: ajudar as velhas fotografias da cidade a funcionarem—hoje.

Uma palavra final de agradecimento e felicitações é pois devida a Eduardo Brito e a toda a equipa de investigação, curatorial e histórica, que com ele colaborou desde o início dos trabalhos.